

# Os Sábios e a Miséria

JOSÉ MENDES DE OLIVEIRA

31 JUL 1996  
VITÓRIA DE JUIZ DE JURE

*Brasil*

Empáfia e onipotência podem ser definidos como sendo os piores vícios do intelectual no poder. Defeitos que advêm da fácil estratégia de se pensar o mundo como um jogo onde o pensador imagina sempre vencer, pois a priori ele tem a razão como HeMan teria a força. A absorção de ares divinos facilita o processo de adequação às tramas e urdiduras do poder constituído, embaciando ideais, instrumentalizando a razão e, por fim, absorvendo totalmente o demiurgo das idéias no certame da manutenção do status quo. Os ideais mudancistas que geralmente constituem bandeira dentro das cercanias acadêmicas, esfuçam-se como lembranças de uma juventude pequeno-burguesa que cumpriu su papel de rebeldia numa fase específica do crescimento. E assim, mais cedo ou mais tarde, o aprendiz de feiticeiro adota o adágio do mudar para continuar o mesmo, resguardando vaidades e um elevado padrão de vida, particularidades deste mundo que envolve mais pragmatismo e conluios que assertivas críticas ou libertária com relação às estruturas sociais vigentes.

O costume de conduzir idéias ilude quanto ao poder de controlar acordos e conchavos, e facilmente o esperto pensador sucumbe ao realismo do sistema político. Levando-se em conta que o exercício do poder não é um fenômeno sem efeitos, algo ou alguém sofre as consequências de suas ações. Para cada ação política há um preço a se pagar, e quanto mais exclusivista for esta ação menor será o número dos beneficiados e mais amplo o universo dos que arcarão com os custos. No caso brasileiro, o preço tem sido o aumento vergonhoso da dívida social, evidenciada na deterioração dos indicadores sociais. Demonstrativos impassíveis da aplicação de uma política neoliberal que condiz com os interesses das elites econômicas nacionais e internacionais, mas que pouco pode acrescentar de positivo na vida do brasileiro que trabalha para subexistir. O anticidão tupiniquim encontra-se a cada dia mais distante do ideal de uma sociedade integradora, e não obstante os lapsos de alegria que usufrui ao preceber que os dígitos inflacionários já não saltam seus bolsos, angustia-se com a possibilidade de tê-los vazios a qualquer momento ao ser lançado para fora do mercado de trabalho. O monstro do desemprego ronda a todos

e evidencia a fragilidade de um esquema econômico capaz de suscitar orgasmos em tecnocratas, mas implacável em sua lógica de exclusão social. Assim, os aprendizes de feiticeiro, agora bruxos-mestres, vão compondo seus passes de mágica para deixar tudo como sempre foi neste país de tão desumanas contradições.

Para estes causadores de sortilégios é justificável assegurar a incompetência gerencial e a voracidade capitalista de banqueiros e empresários não empreendedores. Não deixar um banco quebrar, ou não cobrar a dívida de quem enriquece por não pagar, parece ser justo ao mesmo tempo que se negligencia o sofrimento de pessoas que morrem devido ao abandono do Estado, ausente quando deveria estar cumprindo suas funções sociais. E, desta forma, o País, que se enaltece por não se beligerante, tolera genocídios no seio de sua própria sociedade, visíveis no abandono de suas crianças, na falta de recursos de seus hospitais e asilos ou no simples e descarado extermínio de seres humanos no meio rural e nas grandes cidades. No Brasil, nascido de estrutura oligárquica, o Estado permanece, décadas após décadas, presente para quem tem o poder econômico nas mãos e totalmente ausente, exceto na repressão, para quem mais dele necessita.

É lamentável perceber que a modernização do País na era do Real se prede no discurso monotemático de economistas e nas reformas localizadas, que geralmente atingem os mais fracos ou com menos poder de barganha no jogo de interesses. Os privilégios permanecem para os ocupantes do top social e ninguém se comove com a triste inclusão do país no ranking internacional dos mais corruptos e pouco confiáveis na política e nos negócios. A hipocrisia das elites faz deste País algo, no mínimo, grotesco. Ao povo sem educação e sem assistência, cabem lições de comportamento e ética, mas para os senhores da corte o mesmo tratamento seria uma idelicadeza. Entretanto, nada é mais urgente que a transformação desses "lordes" em cidadãos comprometidos com o País. O recado oficial dirigido aos servidores públicos para que abandonem os resquícios do patrimonialismo, do corporativismo e do servilismo clientelista é, no mínimo, parcial. A lição caberia bem aos políticos adeptos do fisiologismo, aos ruralistas que não pagam suas contas,

aos banqueiros e aos empresários incompetentes que defendem o regime de mercado para os outros desde que possam garantir a vantajosa proteção do Estado. Os intelectuais no poder sabem com precisão que a natureza estamental e distorcida do Estado brasileiro não se reduz apenas aos vícios da burocracia e de seus processos de trabalho. Possui raízes mais profundas no sistema político e no setor produtivo. Porém, enfrentar o anão é mais cômodo e mais fácil, e a covardia ou a conveniência desaconselha atacar o gigante.

É por estas e outras que nossos sábios continuam a tanger o monocórdio de uma política econômica impassível com relação às múltiplas necessidades do País. O Brasil precisa mudar e isso envolve mais que a cantilena da estabilização econômica. É preciso enfrentar a injustiça e enfrentá-la significa mudar a regras do jogo invertendo a lógica da privatização de ganhos e socialização de perdas. O País necessita de profundas alterações em sua estrutura econômica e política, e isso implica investir na construção do cidadão, em sua educação e bem-estar. Tal meta só será concretizada se contarmos com governantes sensíveis às causas sociais. Políticos e políticas que exaltam o poder viciado das elites, que nunca se pensaram nacionais, nunca se comprometeram com o próprio País além da exploração, apenas ajudam a corromper ainda mais a Nação. Porém, os bruxos-mestres no poder parecem naufragar nos encantos do poder autofágico e assim perpetuam os interesses de poucos, como se o País fosse uma lava sem limites ou um eterno eldorado a ser explorado por aventureiros. Só resta lembrá-los que talvez não haja mais Europa para onde retornar neste triste final de século, nem órgãos internacionais ou empresas de consultoria em número suficiente que possam abrigá-los após a aventura governamental. Mas pode ser que etejamos equivocados e que a pretensão seja um pouco mais modesta. Então avistaremos a todos gozando de múltiplas aposentadorias e fixando residência em Miami. Quem sabe ao lado de uma ex-de idade de nossa malfadada política, a bem da verdade pouco intelectualizada, porém não menos demiúrgica.

José Mendes de Oliveira é sociólogo